

O *logos* global e o maravilhamento no discurso político no Projeto de Extensão Politizar/UFG¹

Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira

Haryta Silva Queiroz

Introdução

Os projetos de extensão têm como finalidade principal a intermediação entre a produção acadêmica ocorrida na universidade e a comunidade em geral. Com o objetivo de refletir a respeito desse viés, esta elaboração aborda um estudo sobre o produto e as implicações dessas relações no Projeto Politizar-UFG.

Esse projeto se insere na sociedade ao oferecer a estudantes de Ensino Médio a oportunidade de vivenciar as experiências diárias ocorridas na Câmara dos Vereadores; os estudantes, assim, passam por um processo de letramento político e atuam como jovens vereadores (simulandos – alcunha dada aos estudantes que participam do projeto por seus idealizadores). Os participantes, nesse processo, constroem seus posicionamentos e modos de defender sua tese, por meio de estratégias argumentativas, o que gera também um processo de educação linguística. Isso porque propicia a reflexão sobre o papel da linguagem nessa instância, além de se caracterizar por momentos de uso da língua para persuadir e/ou convencer.

A Educação Linguística em uma perspectiva discursiva não é tarefa fácil para professores e alunos, porque implica pensar em perspectivas práticas que integrem a língua em uso, a sociedade e as interações. Contudo, associar essa possibilidade a um projeto de extensão que conjuga letramento político e uso da língua, para compor estratégias

¹ Este capítulo surgiu da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Educação Linguística e Estratégias Argumentativas no Projeto de Extensão Politizar” desenvolvida a partir dos resultados desse projeto que leva estudantes da rede de ensino goiana para vivenciar a rotina dos vereadores na Câmara. Este trabalho faz parte do Projeto DICE em Rede e se integrou ao Projeto de Linguística Forense da FL/UFG.

de argumentação com um propósito social claro, faz com que os alunos construam um senso de civilidade crítico e ainda pensem sobre o poder da palavra.

De maneira formal, os participantes do Projeto Politizar/UFG têm contato com gêneros argumentativos em três momentos diferentes: no processo seletivo em que devem escrever sobre alguma temática que envolva a cidade; nas discussões no plenário para escrita de propostas; e na defesa de seus projetos no púlpito do plenário da Câmara dos Vereadores de Goiânia. Desse modo, os estudantes são contagiados por essa vivência de modo que informalmente a argumentação contagie os diferentes ambientes e etapas. Assim, o processo de ensino e aprendizagem se dá de forma prática.

Os estudantes vivenciam uma espécie de “maravilhamento” e também “estranhamento” que levam ao aprendizado e a defesa de princípios, valores e direitos que dizem respeito aos diferentes problemas sociais da cidade.

Sócrates e Platão, conforme nos lembra Abreu (2012), baseavam-se na retórica acreditando que, por meio da argumentação e de discussões, era possível encontrar e conhecer a verdade. Assim, os retóricos causavam o chamado ‘maravilhamento’ ou ‘estranhamento’ nos ouvintes ao levá-los a questionar e entender o senso comum no caminho cujo o fim era a verdade. Quando voltamos

[...] a Atenas e aos professores de retórica, uma das técnicas mais utilizadas por eles, para arejar a cabeça dos atenienses contra o discurso do senso comum, era a de criar paradoxos - opiniões contrárias ao senso comum - levando, dessa maneira, seus ouvintes ou leitores a experimentarem aquilo que chamavam de MARAVILHAMENTO, a capacidade de voltar a se surpreender com aquilo que o hábito vai tornando comum. Essa palavra foi substituída no expressionismo alemão, no surrealismo francês e, sobretudo, no formalismo russo, pela palavra ESTRANHAMENTO, definida como capacidade de tornar novo aquilo que já se tornou habitual em nossas vidas. (ABREU, 2012, p. 18)

Logo, no projeto, isso também ocorre, pois um conjunto de valores, que representam as construções sociais, culturais e históricas, são mobilizados. Tais valores são importantes diante do fundamento de que argumentar é conduzir outro indivíduo à autonomia cívico-política para atingir uma autonomia discursiva. Para isso, os estudantes (interlocutores) se apropriam do discurso político e da encenação pedagógica e linguística na Câmara dos Vereadores para fazer uso da língua com o objetivo de persuadir.

Com base na concepção de que a educação lida com aspectos cognitivos, históricos e sociais mediante processos de interação, percebemos que a linguagem atua de modo essencial nas abordagens dos participantes do Politizar-UFG, em seu processo de apren-

dizagem da realidade política. Haja vista que a língua em uso é o meio primordial que os estudantes utilizam para defender seus pontos de vista, as estratégias argumentativas apresentadas e o modo como constroem seus posicionamentos de forma lógica são, portanto, o objeto de análise de nosso estudo. Para isso, recorreremos aos registros disponíveis na mídia das produções dos participantes, no decorrer do Projeto de Extensão, como corpus de análise do logos discursivo.

Em resumo, neste capítulo, analisamos o logos e a mobilização de valores no momento em que os participantes precisam defender seus projetos de melhorias para a cidade de Goiânia. Pautamo-nos em Maingueneau (2016 e 2020) no que concerne à relação entre *ethos*, AD e cena de enunciação; em Charaudeau (2008) para delinear as características do discurso político; com Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) e Aristóteles (1998) buscamos a compreensão das estratégias argumentativas que propiciam a lógica discursiva. Além disso, demonstramos que é possível unir os eixos extensão, pesquisa e ensino em investigações que envolvam o ensino de linguagens de forma multidisciplinar.

Buscamos, portanto, uma tentativa de unir a perspectiva de Análise do Discurso, de linha francesa, cuja premissa principal é a interdisciplinaridade, aos estudos retóricos, pois acreditamos em um diálogo multidisciplinar de pesquisa, embora no Brasil haja uma insistência na criação de fronteiras entre as diferentes vertentes da Análise do Discurso, da Argumentação e dos Estudos Retóricos. Seguimos, assim, a Ruth Amossy e Marie Annie Paveau (entre outras), que unem distintas perspectivas em prol da análise discursiva, cuja natureza é ser interdisciplinar.

Argumentação e lógica discursiva

Vivemos um momento bastante peculiar, no qual as mídias e redes sociais exploram as informações sem explorar seu processamento e a construção de conhecimentos, isto é, vivemos quase uma epidemia de uma suposta argumentação. As pessoas se sentem autorizadas a opinar e argumentar sobre assuntos que nem conhecem ou dominam para forçar e submeter o outro a pensarem da mesma forma. Abreu (2012) observa que é demasiado importante questionar se o que é apresentado pela mídia é, realmente, o que está ali e o que se entende diante da recepção, tendo em vista que ocorre o que ele denomina ‘alinhamento dos pontos de vista’ e ‘processos de manipulação’. Percebemos, entretanto, que isso não ocorre nas diferentes instâncias sociais e cabe aos processos de ensino assumir o papel de questionar e relativizar o que é apresentado.

Isso significa dizer que, diante da exposição dos mesmos conteúdos, as perspectivas são restringidas a uma pequena realidade e sabe-se pouco de outros universos. Some-se a isso, a ideia de que basta esses mesmos conteúdos serem expostos a maior parte das

peças para gerar uma influência controladora das crenças e da vida das pessoas. O que fazer diante disso? Abreu (2012) aponta como respostas a leitura, porque a ficção leva o indivíduo a diversas realidades e moldes, e a leitura e o conhecimento levam o indivíduo para além do que lhes é apresentado ou imposto.

Acrescentamos a essa visão que pensar nos problemas que envolvem a realidade local, bem como conhecer sujeitos de outras localidades para pensar nos problemas sociais em busca de soluções coletivas, a partir de pesquisas e leituras, como é feito no Politizar/UFG, também pode colaborar para romper com essa epidemia de superficialidade e proporções democráticas e diálogos.

A argumentação está no domínio do diálogo, da compreensão e da empatia, diferentemente do que se entende no senso comum como “... vencer alguém, forçá-lo a submeter-se à nossa vontade” (ABREU, 2012, p. 6). Argumentar, desse modo, não é forçar alguém a fazer algo ou acreditar em algo, mas sim acessar no indivíduo uma perspectiva singular que o leva a outra realidade. Argumentar é levar o outro à autonomia e à adesão a um posicionamento discursivo coerente e lógico. Abreu (2012) apresenta, então, quatro condições necessárias à argumentação: (a) definição da tese que estabelecerá um problema e conseqüentemente uma solução; (b) falar de acordo com os conhecimentos do ouvinte, acessando-o, entender o que fundamenta o ponto de vista do outro; (c) a empatia, se colocar na posição daquele a quem se argumenta; (d) agir de forma ética, sendo sincero e não hipócrita, sendo quem se é e não inventando uma nova pessoa, o oposto disso é manipulação.

Ainda que esses quatro direcionamentos não inovem os ensinamentos retóricos aristotélicos, servem para destacar, de forma didática, elementos fundamentais para a argumentação, embora saibamos que há outros elementos e semioses que intervêm nos efeitos de sentido e na relação entre os sujeitos para que haja adesão ao dizer, pois

um dos pilares do universo da argumentação e da retórica é a ideia de adesão e de convencimento. Desse modo, aderimos a uma ideia ou mesmo fazemos alguém aderir a um projeto, a uma causa, a um empreendimento sempre que alguém se alia ao nosso ponto de vista. Importante será também, num debate, tentar convencer outrem de que temos razão, ou mesmo nos deixar convencer. (DAMASCENO-MORAIS, 2017, p. 158)

Esse alinhamento ou adesão converge na combinação de muitos elementos discursivos como as condições sócio-históricas, o contexto, os sujeitos e o sistema retórico clássico,

que permitem a compreensão da *proxêmica*² discursiva, ou seja, da imagem/trajetória que se estabelece por meio do dizer argumentativo.

A participação no espaço social Câmara dos Vereadores institui nos oradores a sensação de participar efetivamente da administração da cidade, fato que fortalece a verossimilhança discursiva, constrói a encenação linguística e colabora com a lógica do discurso político. Segundo Charaudeau (2008), a encenação no discurso político está entre a razão e a emoção; mescla o *logos*, o *pathos* e o *ethos* porque conjuga discursos de ideia de poder, de pensamento e de ação que caracterizam as ações humanas.

A tríade aristotélica e a soberania do *logos*

O sistema retórico mobilizado pelo orador consiste na consolidada tríade aristotélica: *ethos*, *pathos* e *logos*. Sua compreensão possibilita a interpretação de estratégias argumentativas, porque, tanto Aristóteles (2005) quanto para Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) entendem que retórica e argumentação podem ser consideradas termos que consistem na prática de utilização de elementos a fim de alcançar o convencimento, a persuasão e, até mesmo, a manipulação. Aristóteles apresenta uma “...concepção de retórica como a arte da comunicação...” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA 2005, p. 5), assim, a retórica assume caráter essencial nos estudos linguísticos e seus dizeres assumem a posição arqueológica desses conceitos.

Desse modo, Aristóteles propõe que a retórica, ao atuar junto à coerência da comunicação linguística, necessita se conectar à persuasão de maneira adequada e fluida para integrar de forma coesa o *ethos*, o *pathos* e o *logos* nos diferentes tipos de discurso. Em essência, podemos afirmar que o auditório é o público que o orador objetiva influenciar na argumentação, assim, o orador deve se posicionar e atuar conforme as características desse auditório, com base naquilo que já conhece sobre ele, ou nas ideias já formuladas a seu respeito.

O auditório, então, pode ser homogêneo ou heterogêneo; dentro dele, pode-se encontrar um público que concorda ou discorda com a tese do orador. Portanto, quanto mais o orador conhece o auditório e constrói um discurso adequado a esse público, melhor será a argumentação e as estratégias de convencimento ou persuasão, considerando que

2 O termo *proxêmica* apresenta suas raízes no pensamento aristotélico: na Poética, onde discorre sobre o posicionamento dos atores para a constituição do espaço, estabelece afastamentos e aproximações necessárias à verossimilhança do discurso; e na Retórica, quando discorre sobre o *ethos* do orador e a constituição do espaço inter-racional-discursivo. (CARREIRA, 2020, p. 157)

a perspectiva da Retórica aristotélica confirma a importância do *ethos*, do *pathos* e do *logos* como estratégias de persuasão pela ética, pela emoção e pela lógica, respectivamente, mas é o orador que as provoca no auditório. Nesse sentido, o orador, pelo olhar do auditório, recebe uma identidade social e psicológica, no mesmo instante em que constrói para si uma identidade. Em outras palavras, posso dizer que o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, na medida em que se relacionam ao orador e à situação na qual essas estratégias se manifestam, permitem ao auditório construir uma imagem daquele que fala no discurso. (NASCIMENTO, 2019, p. 50)

Assim, quando os estudantes frequentam a Câmara dos Vereadores, percebem e vivenciam a diversidade de bandeiras e ideologias político-partidárias ali existentes. Ao participarem da rotina, constroem não somente argumentos para defesa de seus projetos, mas também imagens que remetem aos diferentes partidos com os quais tomam contato. Essas imagens refletem na imagem de orador que é, aos poucos, construída.

O *ethos* é a imagem enunciativa apresentada pelo orador ao auditório e, na atualidade, seja na Retórica seja na Análise do Discurso, conforme salienta Maingueneau (2016), adquire papel relevante da adesão discursiva e merece atenção de acordo com o tipo de discurso, o contexto e as condições sócio-históricas do dizer que revelam elementos da imagem que o sujeito constrói de si/para si e para o outro. Isto é, aquela que o orador deseja transmitir como estratégia argumentativa por meio do discurso. Também considerada a vocalidade da inteligência retórica no momento de simulação, conforme assevera Ferreira (2019).

A imagem apresentada pelo orador, todavia, precisa ser formulada a partir das pressuposições levantadas pelo auditório, ou seja, o auditório levanta um conjunto de características e (pré)conceitos sobre o orador que, por sua vez, dependendo do contexto social em que está, constrói o *ethos* que deseja para “conquistar” e conseguir a adesão do público. “É possível distinguir que no caso específico dos estudos retóricos, o *ethos* do orador e o *pathos* do auditório coexistem no processo de persuasão e, na AD, o *ethos* se manifesta na cena enunciativa” (NASCIMENTO, 2019, p. 50-51). Logo, quando os estudantes passam a vivenciar as experiências políticas dos vereadores, além de passarem por um letramento político, passam também por uma experiência educacional linguístico-discursiva e constroem em suas interações cenas de enunciação que reiteram a situação comunicativa e o contexto social.

Amossy (2018) salienta que “Aristóteles denomina *ethos*, (...) o caráter, a imagem de si, projetada pelo orador desejoso de agir por sua fala, pondo em destaque o fato de que essa imagem é produzida pelo discurso.” (AMOSSY, 2018, p. 80) e, ainda acrescenta, que “a questão do *ethos* está, então, associada à questão da construção de uma identidade que

permite, ao mesmo tempo, criar uma relação nova para si e para o outro.” (AMOSSY, 2018, p. 104). Os jovens vereadores precisam construir essa imagem para mobilizar o *pathos* em seus auditórios, porque seus argumentos podem gerar votos para seus projetos locais.

Por sua vez, o *pathos* é apresentado por Aristóteles como “... o que, ao nos modificar, produz diferenças em nossos julgamentos” (*apud* AMOSSY, 2018, p. 196), tal afirmação evidencia a importância do *pathos* no alcance do convencimento, pois atua intensamente sobre os seres humanos. Esse aspecto humano de se motivar pela afetividade é positivo nas estratégias argumentativas, todavia, o excesso de *pathos* e a supressão do *logos* promove discursos, muitas vezes, inconsistentes e não leva, efetivamente, o auditório ao convencimento e à autonomia, mas sim à manipulação. Deve-se, portanto, construir argumentos em que o *pathos* e o *logos* estejam atuantes e interligados e o *ethos* esteja a serviço do *logos*.

Magalhães (2020), na introdução da obra “Inteligência retórica: Pathos”, apresenta as diferentes compreensões sobre *pathos*, em diferentes períodos e filósofos. Inicialmente, na Grécia Antiga, distinto de pensar *pathos* na Psicanálise, como sofrimento que afeta o indivíduo; *pathos* ali dizia respeito às possibilidades de estado de emoções. Para Platão, numa outra abordagem, o ser humano lida com paixões externas a seu corpo que devem ser controladas. Aristóteles, por sua vez, caracteriza *pathos* como o cerne das emoções produzidas no auditório, ou seja, o afetar coletivo ou compartilhado entre sujeitos obtido a partir do discurso. Coloca, assim, o *pathos* como constituinte do ser humano, que deve ser aceito, pois é impossível que o humano viva sem o convívio e a interação com suas emoções. No momento discursivo, mediante as tentativas de convencimento e persuasão, o *pathos* é fundamental para o desenvolver da fundamentação contida em argumentos. Isto é, a Filosofia percebe que o *pathos* deve ser dominado de forma lógica e a Retórica utiliza do *pathos* para estabelecer estratégias discursivas para a persuasão e para o convencimento, ou seja, admitir o *pathos* em equilíbrio com o *logos* significa compreender como os sujeitos podem ou não aderir a determinados discursos.

Aristóteles instaura o *logos* no campo dos raciocínios lógicos que estruturam os lugares do dizer. Além disso, vale ressaltar que “... a argumentação no nível do *logos* tem como fundamento, principalmente, os raciocínios lógicos que estão na base do discurso com intenção persuasiva.” (AMOSSY, 2018, p. 137).

Dentre os raciocínios, Amossy (2018) destaca o entimema³ e o exemplo. A compreensão do entimema perpassa a compreensão do silogismo, este é considerado como um conjunto de dois dados que, quando combinados, geram o dado. Amossy (2018, p.139)

3 Conforme explica também de forma didática para o jovem pesquisador, Joelson Santos Nascimento em seu texto O entimema e o exemplo na retórica de Aristóteles. Prometeus, Sergipe, v. 5, n. 9, p. 99-109, jun. 2012.

define da seguinte maneira: “O silogismo é um discurso no qual, estando colocadas algumas coisas, outra coisa diferente delas resulta necessariamente, pelas coisas mesmas que são colocadas...”. E apresenta, portanto, o exemplo clássico:

todo homem é mortal - premissa maior
Sócrates é homem - premissa menor
logo, Sócrates é mortal – conclusão

Logo, o entimema se configura como o silogismo, no entanto, sua composição se dá com alguns constituintes ausentes, um ‘silogismo truncado’, ou seja, o entimema possui a mesma estrutura que o silogismo: a premissa maior, a premissa menor e a conclusão, mas se constitui subentendendo alguns desses elementos. Se entre as premissas surgirem outros implícitos, podemos ter discursos falaciosos.

Outro ponto destacado pela autora com relação ao *logos* é o exemplo ou analogia, a utilização de histórias ou ilustrações já conhecidas e aceitas a fim de gerar a aceitação da tese. Em outros termos, Amossy (2018, p. 152) diz que “o exemplo ou a analogia, que estabelece ‘a relação da parte à parte e do semelhante ao semelhante’ é o segundo pilar sobre o qual a retórica de Aristóteles se funda, o *logos*.”

Na leitura da Retórica de Aristóteles, fica evidente o destaque que o autor dá para a análise e a construção de argumentos nos diferentes gêneros e lugares do dizer e todos os elementos que os compõem. Mesmo quando não nomeia diretamente o *logos* ou o raciocínio lógico, é possível notar que se trata de um estudo sobre a lógica do dizer no intuito de contribuir com um fundamento para o orador. Assim, embora *ethos* e *pathos* sejam elementos importantes, o eixo condutor da obra é, sem dúvida, o *logos* discursivo. O teórico parte da natureza da retórica em contraposição à dialética como elemento próprio dos indivíduos e uma arte necessária ao desenvolvimento social para, em seguida, tratar da estrutura lógica ligada à capacidade de descobrir como persuadir o outro em diferentes gêneros do discurso e situações sociais. (ARISTÓTELES, 2005)

Todo discurso segue alguma lógica mantida seja pelo gênero do discurso seja pelos interagentes. Na argumentação, como nos ensina Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), a estrutura lógica se dá por meio de premissas que são as responsáveis pelo fundamento da tese e da estrutura do discurso do orador, dividindo-as em três planos: ao acordo referente às premissas, à sua escolha e à sua apresentação. Ressaltamos que nesses planos pressupõe-se a presença do orador, fato que leva à presunção óbvia de *ethos*, *pathos* e *logos*.

Para Maingueneau (2020), a retórica é o coração do discurso político⁴. O discurso político, por sua vez, apresenta especificidades a serem consideradas, conforme Charaudeau (2008) a encenação do discurso político é constitutiva do fazer político e mobiliza no imaginário coletivo outros imaginários ancestrais compartilhados e compostos pelas noções de “tradição”, “modernidade” e “soberania popular” e forma parte elementar desse tipo de discurso a mobilização do sistema retórico, cuja finalidade comunicacional se fixa em determinados lugares: o lugar da governança da instância política; o lugar da opinião da instância cidadã e o lugar da mediação da instância midiática.

Esses elementos, a nosso ver, compõem o desenho do dizer constitutivo do discurso político, logo, quando os estudantes são levados a vivenciar a rotina dos vereadores e lidar com os problemas da cidade, os lugares e instâncias se entrecruzam e esse imaginário é mobilizado, pois ao reproduzirem o discurso político e ao se sentirem fazendo parte da encenação, relações de poder institucional também são vivenciadas e são necessariamente motivados a criar argumentos lógicos para convencer e conseguir votos e aprovação a projetos políticos que podem, inclusive, ser votados realmente por vereadores oficiais e implantados na cidade, como já aconteceu em algumas versões do projeto.

Assim, neste capítulo, por meio de nossa análise propomos analisar o *logos*, sem desconsiderar *ethos* e *pathos*, pois fazem parte do *desenho do dizer*⁵ (a proxêmica) que se institui e fornece elementos para que a cena enunciativa ganhe força e sentidos, pois a nosso ver o sistema retórico se dilui, se contrai e se contrasta no processo de enunciação, ou seja, ainda que haja estratégias argumentativas que denunciam a lógica dos discursos e na interação global que o dizer atinge seu propósito, não se trata de diferenciar ou distanciar conceitos da AD e da Retórica, mas de admitir que esses conceitos clássicos retóricos alimentam inerentemente certos tipos de discurso como o político (principalmente o discurso político público institucional e/ou partidário).

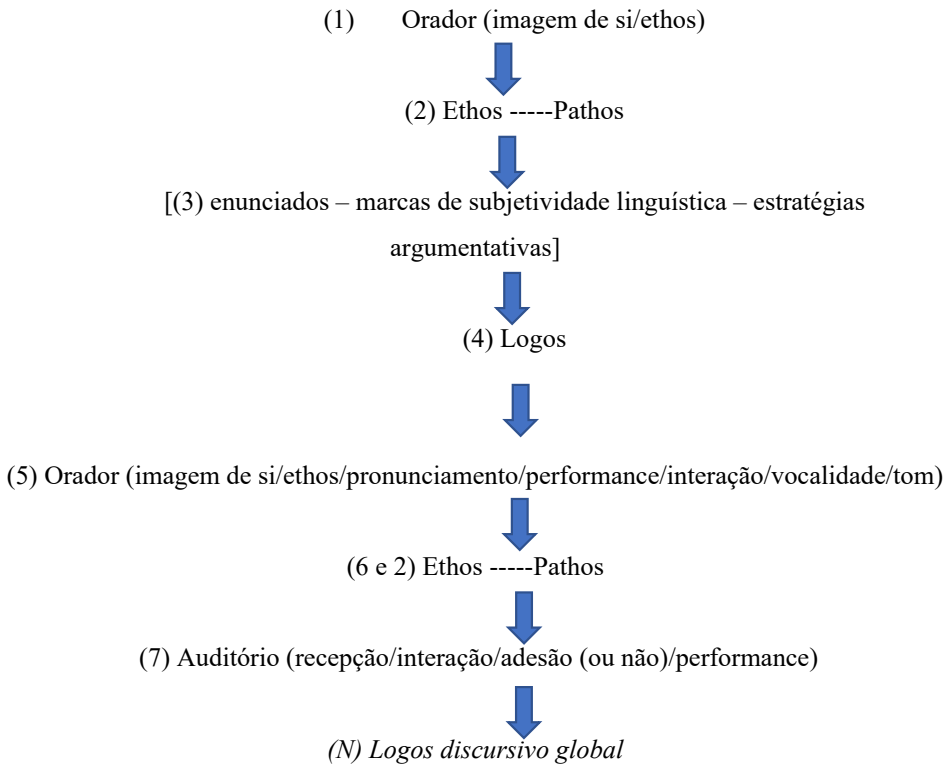
A lógica discursiva é dinâmica e que vários elementos contribuem para os efeitos de sentido causados pelo *logos* enunciativo que podem contribuir para que a adesão ao discurso seja por persuasão ou convencimento. Apenas a título didático, propomos o esquema analítico abaixo, deixando claro que não se trata de um sistema estático e fechado, ao contrário, submetido à análise da cena de enunciação, às condições sócio-históricas, ao contexto social, ao gênero, aos interlocutores e outros fatores, essa

4 In: A Análise do Discurso e a Crise do Coronavírus. Abralín. 03 Jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXzRl0UdvKk>. Acesso em: 22/10/2021.

5 Em nossos estudos atuais optamos por desenho do dizer para o termo proxêmica, bem como lugar do dizer para o termo paratopia.

dinâmica pode destacar alguns elementos como *ethos/pathos* ou o *logos* enunciativo, pensamos que é desse modo que o *logos* se impõe no processo de aprendizado proporcionado pelo projeto de extensão a ser analisado.

Figura 1: Esquema do *logos* discursivo global⁶



O que chamamos de *logos* global, não somente inclui os participantes do discurso, mas também impõe (N) possibilidades de efeitos de sentido para alcançar a persuasão ou o convencimento, do mesmo modo, a voz do orador é atravessada por muitas outras vozes e se manifesta de maneiras diferentes no enunciado e na enunciação, este será nosso caminho de análise.

⁶ Esse esquema discursivo global compõe material inédito usado em aula [Mímeo] pela autora Rosângela Carreira.

Da extensão à pesquisa: o *corpus in loco*

O Projeto de Extensão Politizar - UFG existe desde 2013, criado por alunas da Faculdade de Ciências Sociais. Consiste na simulação de atividades políticas na Câmara dos Vereadores de Goiânia por estudantes do Ensino Médio das redes públicas e privadas de Goiânia. A Universidade Federal de Goiás atua ativamente na sociedade, por meio das unidades acadêmicas (Faculdade de Ciências Sociais, Faculdade de Letras e Faculdade de Informação e Comunicação) ao oferecer aos participantes a oportunidade de passarem por um letramento político, por meio do engajamento ativo nas atividades cotidianas locais. Assim, Projeto possibilitou aos participantes a ação política e a compreensão de sua realidade, em diferentes etapas: criação, discussão e, por fim, votação das propostas para o bem da cidade. Os estudantes são divididos entre os partidos, representando-os em suas discussões.

Consoante apresentação inicial e para servir de suporte para compreensão de nosso esquema e análise, reiteramos que o *corpora* de análise foi detectado e delimitado após a seleção de uma série de vídeos disponibilizados na mídia⁷, que relatam as Sessões Ordinárias dos simulandos (estudantes locais), após a visualização de todos e encerramento do Projeto no Ano de 2019. Vale ressaltar que, no início do projeto, o *corpus* seria escolhido nos pronunciamentos dos participantes na Câmara dos Vereadores na edição de 2020, todavia, devido às normas de distanciamento social estabelecidas para evitar o contágio pelo Coronavírus-19, não foi possível realizar a seleção da edição de 2020, mas de edições anteriores. O vídeo foi transcrito e os argumentos utilizados serviram de suporte para primeiro movimento de análise do *logos* nos limites de um capítulo.

O logos no dizer em ação de letramento político

Na quarta edição do Politizar-UFG 2019, foi apresentada uma proposta de Lei intitulada 'Obrigatoriedade de manter-se, no mínimo, um ônibus articulado em cada composição, estação ou terminal para uso exclusivo de mulheres em toda região metropolitana e regiões limítrofes.' As participantes, simulandas A e B, não conseguiram a adesão da maioria, pois os grupos autodenominados liberais-conservadores não aceitaram positivamente a proposta, por isso, o pleito foi aberto para defesa, e arguição da participante C, abaixo transcrita:

⁷ O *corpora* da Iniciação Científica e o TCC da autora Haryta Silva Queiroz é composto por vídeos do Projeto Politizar-GO disponibilizados nas seguintes mídias: *Youtube*, Canal UFG e TV Goiana. (O Projeto Politizar tem repercussão local e nacional)

[Minha fala aqui é um pouco pessoal e direcionada ao pessoal que se identifica com o liberalismo e o conservadorismo (1). Eu já fui vítima de assédio sexual no transporte público (2), acho que não preciso descrever meus sentimentos acerca deste caso, mas gostaria de reiterar que apenas nós mulheres, todas nós mulheres (3), sabemos o quanto isso fere nossa dignidade e conviver com isso gera um trauma nas vítimas que nenhuma reparação é eficaz. As mulheres estão em situação de vulnerabilidade e precisam sim de políticas públicas que assegurem seus direitos mais básicos, me assusta que pessoas não considerem coisas tão simples. Minha fala se pauta no pensamento liberal, especificamente aquele liberalismo comunitarista de John Rawls(4) que entende que, para se alcançar a liberdade, a igualdade é o meio partindo, portanto, que a justiça se concretiza partindo das particularidades de cada indivíduo, que cada um mesmo sendo igual ao outro mediante a lei é diferente e afetado de maneiras diferentes em sociedade. Assédio e violência contra a mulher é realidade concreta no estado de Goiás. Segundo seu colega de Harvard, Robert Nozick, depois de Rawls todos os filósofos deverão se confrontar com sua teoria, portanto, as pautas clássicas do liberalismo, por mais que sejam relevantes, precisam ser confrontados com a conjuntura do século XXI. Nossos direitos mais básicos não são apenas aqueles de liberdade, propriedade e vida, é considerando e almejando sempre o debate com pluralidade de ideias que dirijo a minha fala a todos e a todas que se identificam com o liberalismo e com o conservadorismo, destacando aqui meu partido PRB que é de centro-direita (5) e possui diversas ações e movimentos em favor da mulher, saliento esse exemplo. Vamos então construir um debate consistente e coerente, não ignorem ou minimizem o nosso sofrimento, ele transcende ideologias. (*In Verbi*)]

A participante C, ao discutir a matéria, direciona sua fala àqueles que se identificam com o liberalismo (aqueles que foram contra a proposta) (1) e fundamenta-se no pensamento do filósofo liberal John Rawls (4), além disso, a participante evidencia sua posição política de centro-direita (5) associada ao partido que representa, identificando-se com o liberalismo e o conservadorismo.

Essa postura assumida por C é extremamente relevante no que se refere a acessar a realidade do outro e conduzir a uma nova perspectiva. Tendo em vista que a participante utiliza de fundamentos e crenças conservadoras para apresentar aos conservadores aquilo que ela acredita. Assim, como disse Abreu (2012) acerca da condução ao maravilhamento, esse é o ponto de partida que baseia a fala da jovem, ela começa a conduzir os jovens

liberais à compreensão de sua perspectiva ao maravilhamento, ao colocar-se na mesma posição dos que foram contrários.

Para isso, mobiliza os imaginários sóciodiscursivos propostos por Charaudeau (2008) assume as relações de poder e o entrecchoque político entre os partidos assumindo o local da governança e como também salienta o autor ativa a tríade retórica constitutiva do discurso político.

Observamos o fato de C criar um *ethos* conservador-liberal com o intuito de mobilizar o *pathos* do grupo liberal que não aderiu ao projeto, no entanto, ambos são coadjuvantes do *logos*, porque neste auditório formado por jovens cidadãos “vereadores”, a imagem de si já foi instituída quando assumiram as propostas políticas de seus partidos e se fizeram passar por vereadores, o *pathos* foi extremamente mobilizado nas discussões que antecedem a votação para a aceitação de ideias para criação de projetos, os quais já passaram por uma votação preliminar na qual todos os liberais votaram e, neste projeto específico, votaram “não”, mas nesse momento trata-se de convencer pela lógica sobre a importância do projeto para atrair votos para sua aprovação em plenário.

A participante C articula o raciocínio por meio do entimema (3) em “apenas nós mulheres, todas nós mulheres (3), sabemos o quanto isso fere nossa dignidade e conviver com isso gera um trauma nas vítimas que nenhuma reparação é eficaz [premissa maior]; eu sou mulher [premissa menor]; eu sei o quanto isso fere [conclusão].

Em seguida, quase por paralelismo, cria um falso silogismo para induzir a uma dedução não lógica a partir dos implícitos presentes nessas condições sócio históricas de produção e nesse contexto político imposto na Câmara dos Vereadores: Todo conservador-liberal vota não nesse projeto [premissa maior]; Eu sou conservadora-liberal [premissa menor]; Eu [sou liberal] mas... voto sim [Falsa conclusão]. Poderia ser “Todo liberal-conservador vota sim em pautas a favor das mulheres [premissa maior]; Eu sou liberal-conservadora, logo, voto sim [premissa menor], teríamos aí uma dedução não lógica – logo, quem não vota sim, não é liberal-conservador, no entanto, não foi isso que a oradora disse e não foi essa a postura dos partidos liberais-conservadores em geral, essa dedução não lógica instituiria um discurso falacioso, assim, a dedução não lógica se dá de modo implícito e é compreendida e resgatada por aquilo que denominamos *logos global*, ou seja, os efeitos de sentido se impõem na interação e na situação comunicacional e o convencimento se dá discursivamente por meio da lógica, enquanto *ethos e pathos* são resgatados globalmente, conforme esquema.

Ademais, outra posição assumida por C, para defender sua tese, favorável à proposta, foi a de uma mulher que vivencia e conhece as dificuldades enfrentadas pelas mulheres (2), e também a posição de alguém que já sofreu violência dentro do transporte coletivo. Utiliza, assim, o argumento construído pelo exemplo, para ressaltar que sua fala é sincera

e fiel às realidades femininas, consoante a Abreu (2012) sobre a importância de agir de maneira ética e com sinceridade.

Trazendo Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) para nossa análise, observamos que os acordos já foram feitos durante as discussões que antecederam a votação para a construção de propostas. É com base neles que a oradora C faz suas escolhas para a construção de um discurso/enunciado que ela classifica como “um pouco pessoal”, no qual se posiciona ideologicamente para, então, apresentar seus argumentos em busca de votos positivos para a proposta.

Por fim, aplicando os princípios de nosso esquema ao *corpus* selecionado, temos:

Quadro I – Análise do *logos* global

Logos global	
orador no enunciado	Apresenta um tom pessoal em “minha fala será um pouco pessoal” em primeira pessoa do singular assumindo seu posicionamento de forma clara.
<i>ethos e pathos</i>	Constrói uma imagem de <i>ethos</i> feminino conservador e liberal que pretende mobilizar as emoções dos liberais que votaram negativamente
Logos	Utiliza exemplos, analogias, entimemas, argumentos de valor e narratividade na construção da defesa de sua tese para aprovação da proposta.
orador na apresentação	Apresenta-se como mulher liberal-conservadora que vem falar aos liberais; assume as premissas argumentativas de suas escolhas, a partir dos acordos já estabelecidos; mantém o tom e garante a vocalidade ética.
<i>ethos e pathos</i>	Mantém e reitera a imagem do <i>ethos</i> feminino conservador a favor da proposta e mobiliza o <i>pathos</i> do auditório, pois alguns se levantam, há burburinhos e alguns pedem a palavra.
Logos	Os gestos, a entonação e o processo de interação com o auditório instituem a lógica global.

A partir dessa análise, observamos que os participantes não somente atuam em um projeto de exercício de civilidade, mas também participam de um projeto que os ensina a pensar a língua em uso como instrumento de poder, persuasão e convencimento. Os dizeres seguem *um desenho de dizer* provocativo que fomenta o debate e, algumas vezes, gera polêmicas, portanto, para além do *logos global* há o aprendizado amplo orientado à

análise crítica da realidade e toda a encenação política, simulada ou não, cria a sensação de maravilhamento e contribui para a vocalidade do *ethos*. Além disso, os adolescentes percebem e vivenciam as especificidades do discurso político com destaque para as relações de poder e institucionais, características estudadas por Charadeau (2008) na análise do discurso político.

Considerações finais

O presente capítulo demonstrou que é possível unir os eixos extensão, pesquisa e ensino em prol de investigações linguísticas que favoreçam a análise, neste caso, retórica dos fundamentos discursivos utilizados.

Propusemos e observamos que o logos, no corpus delimitado, além de manter o propósito argumentativo do discurso mantém a lógica enunciativa da cena de enunciação, promovendo um logos global que envolve *ethos* e *pathos* em diferentes medidas também. Nosso *corpora* é bastante extenso, mesmo assim, dentro dos limites propostos para um capítulo, nesse primeiro movimento de análise, comprovamos nossa hipótese inicial e verificamos que a tríade aristotélica forma parte constitutiva do discurso político como propõe Charadeau (2008) e vimos que a retórica é o lugar dessa encenação, conforme Maingueneau (2020), mas também percebemos que em dados momentos um elemento retórico pode se sobrepor ao outro ou se destacar e para resgatar os efeitos de sentido é preciso resgatá-los implicitamente por meio do que chamamos logos global.

Por fim, consideramos que o Projeto de Extensão Politizar- UFG, além de promover o letramento político, proporciona o aprendizado de estratégias discursivo-argumentativas que são incorporadas pelos participantes ora de forma intuitiva, ora de forma técnica. Comprovamos, portanto, o que diz Aristóteles (2005) sobre a natureza da Retórica, como algo inerente às relações humanas em que as pessoas para defender ou acusar, criam argumentos intuitivamente, mas também de forma técnica. Para isso, preocupam-se com as escolhas das palavras, com a solenidade da enunciação e compõem uma estrutura lógica que se apresenta de modo global, cujos acordos e premissas estão intimamente relacionados ao discurso político e geram a sensação de maravilhamento.

Referências

- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**. Edição digital. Ateliê Editorial, 2012, p. 1-89
- AMOSSY, Ruth. **Argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018. 288 p.
- ARISTÓTELES. **Retórica** (Obras Completas). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, [1998]2005.

CARREIRA, Rosângela A. R. **Paratopia e proxêmica discursiva : discurso e resistência na literatura.** – 1. ed. – São Paulo :Blucher Open Access, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político.** São Paulo: Contexto, 2008.

DASMACENO-MORAIS, Rubens. **Dois Bicudos que não se beijam? A construção da unanimidade em território jurídico.** EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 13, jan/jun.2017.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Introdução: Inteligência retórica e vocalidade: constituição e manutenção do ethos.** In: FERREIRA, Luiz Antonio (org.). *Inteligência retórica: Ethos.* São Paulo: Blucher, 2019. Cap. 1. p. 1-264.

MAINGUENEAU, Dominique. **Retorno crítico sobre o ethos.** In: BARONA, R. L.; MESTI, P. C.; CARREON, R. de O. (org.). *Análise do discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes.* Campinas: Pontes, 2016.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. **Em torno do ethos discursivo e de questões de identidade.** In: FERREIRA, Luiz Antonio; *Inteligência: O Ethos.* São Paulo: Blucher, 2019, pp 45-62.

PERELMAN, Chaim e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.